

**O ESPORTE
MAIS DIFÍCIL**

RAUL K. SOUZA

**O ESPORTE
MAIS DIFÍCIL**

© Raul K. Souza, 2025

Coordenação editorial Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira
Assistente editorial Juliana Sehn
Projeto gráfico e diagramação Manoela Haas e Bárbara Tanaka
Preparação de texto Bárbara Tanaka
Revisão Guilherme Conde Moura Pereira
Comunicação Hiago Rizzi
Produção Letícia Delgado, Raul K. Souza e Sophia Martinez

Capa Manoela Haas
sobre Hans van Manen, Nouri. *Cambré*. Donation Hans van Manen en Henk van Dijk, Amsterdam.

in memoriam
Waldecir Souza Santos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)	
S729e	Souza, Raul K. O esporte mais difícil / Raul K. Souza. — 1. ed. — Curitiba, PR: Telaranha, 2025. 80 p. ISBN 978-65-85830-37-9 1. Poesia brasileira I. Título. CDD: 869.91
Índices para catálogo sistemático: 1. Poesia : Literatura brasileira 869.91 Henrique Ramos Baldisserotto – Bibliotecário – CRB 10/2737	

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
Novembro de 2025

sábado dirigi até o carrefour
meu namorado era o copiloto e ainda
não tirei carteira de motorista, mas entendi
por que me levou até o pátio
aos meus dezesseis anos

O nardo, e o açafrão, o cálamô, e a canela,
com toda a sorte de árvores de incenso,
a mirra e aloés,
com todas as principais especiarias.

Cânticos 4:14

Tudo é santo! todos são santos! todo lugar é santo! todo dia é
eternidade! todo mundo é um anjo!

Allen Ginsberg
trad. Claudio Willer

SUMÁRIO

UMA VEZ NO BANHEIRO

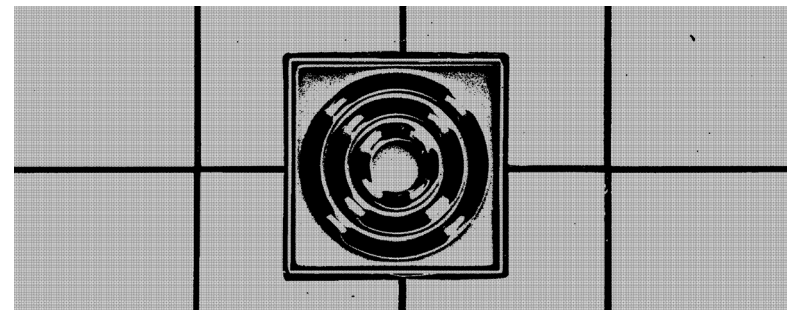
15	Gênesis
16	O lado fundo da rua e uma playlist para Ali Smith
20	Uma vez chorei no banheiro
22	Querido virgo,
24	O leitor
27	Querido £,
28	Uma bicha me ensinou
30	Não faz nem trinta dias, mas
32	Fevereiro (primeiro lugar)
36	Discoteca pra dois
39	Não antologia do ódio

POSIÇÃO DE AMOR

45	Gênesis 2
46	Os três reis magos
48	No fundo eu adoro uma cena de
52	Jardim
54	Leis do Mandamento antes de dormir
56	Cânticos
62	Cânticos 2
64	Cânticos 3
65	Salmouras
66	Salmos 32
68	Relativizar as culpas
70	Culpa
73	<i>Este é um livro em trânsito</i> por Rafaela Tavares Kawasaki

1.

UMA VEZ NO BANHEIRO



Vou tomar um banho quente
medito no banho
a água deve estar muito quente
tão quente que deves aguentar
com dificuldade
o pé dentro de água
então desces o teu corpo
centímetro a centímetro
até que a água chegue ao pescoço
[...]
mas pressinto que para mim
um banho quente
é como a água sagrada

Adília Lopes, Memória para Esther Greenwood

GÊNESIS

Quando vou ao litoral,
sinto que as sardas e a pele que descasca
a mão que toca a curva sinuosa
e próxima do oceano
sinto que ficam num lugar onde não
permaneço, um paraíso que se abandona
com outras roupas que se cobrem
vergonhas e se planeja o trabalho.
Olho com toda a minha finitude
atrás do banco do motorista
para o castelo de areia e o surfista,
olho com finitude
como alguém que morre nas férias
e não se sabe o que fazer, pois é verão.
Ouço aos 10 anos numa mistura de Dr. Manhattan
os poemas do Raça Negra,
no banco de trás do meu anti-herói
tem o samba pós-mar, fritura & sal
e sei que posso dormir
porque vou pra casa.

O LADO FUNDO DA RUA E UMA PLAYLIST PARA ALI SMITH

Esse negócio de casa
e rua
me botam uma fragilidade imensa
peixes no espelho
eu só consigo ser frágil num pedaço de
janela emperrada
numa parede riscada
caneta, contas e uma brincadeira
a ponta do móvel lascado
e o sofá com mancha de café
ou sopa pingando
no banheiro
eu quase estava chorando
porque amanhã eu tenho que deixar a minha casa
e sempre sinto que não aproveito
o meu tempo na cama de um lado fundo
lado de dentro da rua
pra mim é uma brincadeira de stop:

nome / cep / fvl

carros / (eu não sei nada de carros)
mas às vezes eu vou bem em algum jogo
na rua já tive vários peixes no olho
chorar um cardume do lado público
com todas as escamas do lado errado
?

ainda não sei se respiro melhor do lado água-casa
ou do lado fundo da rua
o amor não pode abarcar todas as casas que você já morou
nem todas as ruas em que a sua bicicleta sonhou
que era uma playlist com as melhores músicas
da sua discoteca na cozinha
ano passado dançaram o disco inteiro
do pop-espiritualizado-rosa-alice

desculpe,
desci para pegar o último jantar que farei na casa
e este poema
é sobre o agora
sobre a praça que dormia debaixo de mim
e é a principal conciliadora entre a transversal e a paralela
onde uma vez tive certeza que aqui
seria um lugar onde não carregaria o prédio nas costas
existe uma mágica em estar sozinho
existe um agora no estar no entre das coisas
este poema é sobre as coisas-entre
que aprendi com ali smith
eu nunca vou ver o seu prato favorito
queimado
nesta casa
não vou poder pedir desculpas por errar
o seu prato preferido,

que não existe
uma mágica, pois alguém precisa usar a banheira azul
uma vez pensei que estava chorando
na banheira agora
cabem ruas como:
carlos cavalcanti
coronel dulcídio
mateus leme
ernesto wandembruck
marechal josé bernardino bormann

as ruas teriam nomes de música
e seriam organizadas por mim
assim eu conseguiria me localizar
e tirar a carteira de motorista
eu já tive uma derrota imensa em relação aos carros
num jogo de stop já perdi para um homem
que já passou uma noite em claro pensando:
“uma criança acha que sou cruel”
e uma mulher cujo melhor amigo era um galho
de árvore

compreensível

— mas no jogo
o jogo do dentro da rua e do fora
da casa
eu estou deixando esta carta-

poema
sobre o agora
sobre a caixa de som atrás do móvel lascado
na primeira parte do amor

não cabem muitas ruas
mas cabem trinta cidades
se você souber dobrar bem
seus planos
seus peixes nos olhos
no meu jantar tem este bilhete:

UMA VEZ CHOREI NO BANHEIRO

Uma vez chorei no banheiro
porque a piada do meu pai me moveu
aqui diferente, parecia um machucado
achei melhor escorrer em um cômodo que eu pudesse trancar
e não assistindo a um super-herói
enquanto comia sucrilhos

Uma vez me pararam e pediram meu gênero
como pedem passaporte para outro país
e eu não sabia por que, mas essa pergunta me fez chorar
parado na esquina, com os pães pro café
uma bermuda de personagem e chinelo de dedo
não conhecia o idioma e esperei a autorização pra ir
como na alfândega, em solo-casa, mas estrangeiro
atuei uma expressão casual quando cheguei em casa
entreguei os pães e escorri mais uma vez sozinho

O banheiro era o único lugar anômalo
e o lugar onde eu afrouxava minhas costelas
retirava segredos, falava com deus
e esperava que ele me dissesse:
— sim, estou ouvindo, vou dar conta daqueles meninos
pode deixar, eu falo com seu pai também.

Uma vez me disseram
: — olha essa mão! você é um dinossauro ou uma menina?

Uma vez estilhacei a janela
e fiquei horas me perguntando por quê?
e esperei horas até que meu pai abrisse a porta
e perguntei pra deus qual será o dia?